

Visões do paraíso: as expedições de Francisco de Orelhana e Pedro Teixeira na Amazônia

Pedro Freitas Jardim de Mattos

É formado em História pela Universidade Cândido Mendes e pós-graduado em História do Brasil pela mesma Universidade. Tem como temática de seus trabalhos a Amazônia e seus povos autóctones.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a análise de duas expedições à floresta amazônica. A primeira foi promovida por Francisco de Orelhana em 1542 e a segunda expedição por Pedro Teixeira em 1639. Baseado nestas duas expedições, queremos confirmar ou não a tese de Sérgio Buarque de Hollanda em *Raízes do Brasil* e *Visão do Paraíso*, onde ele defendeu um maior pragmatismo por parte dos portugueses, em contraste com um imaginário fantástico espanhol.

PALAVRAS-CHAVE: Francisco de Orelhana, Pedro Teixeira, Amazônia, Sérgio Buarque de Hollanda, mentalidades, imaginário

ABSTRACT

This work have with objective the analyses of two expeditions for the Amazon Rainforest. The first expedition has been promoted by Francisco de Orelhana in 1542 and the second expedition by Pedro Teixeira in 1639. Based in this two expeditions we want confirm or not, the thesis of Sérgio Buarque de Hollanda in *“Raízes do Brasil”* and *“Visão do Paraíso”*, where he defended a major pragmatism for part of the portuguese, in contrast with one fantastic spanish imaginary.

KEYWORDS: Francisco Orelhana, Pedro Teixeira, Amazon rainforest, Sérgio Buarque de Hollanda, Mentalites, imaginary

ANTECEDENTES DA EXPEDIÇÃO DE ORELHANA

Para se compreender o imaginário espanhol a respeito da América, é necessário lembrar os antecedentes dos espanhóis, desde a gênese de seu Estado até a véspera do evento estudado, que, no caso, é a expedição de Francisco de Orelhana ao Rio Amazonas.

Entre os princípios de um Estado espanhol e a expedição de Francisco de Orelhana passaram-se apenas 50 anos. A mentalidade espanhola, que acabara de sair de uma cruzada, não se modificou, visto que as guerras de reconquista duravam desde fins do século XII. Os mouros só seriam definitivamente expulsos da península ibérica em janeiro de 1492¹. A queda de Granada, não dista nem ao menos um ano da descoberta da América em outubro de 1492. Esta proximidade temporal criou uma mentalidade guerreira e catequista entre os espanhóis.

¹ As informações sobre as datas de fim e duração da reconquista vêm de acordo com TESTAS, Guy; TESTAS, Jean. *A Inquisição*. Difel. São Paulo. 1968, p.26-29.



Quando chegaram à América, os espanhóis se confrontaram com dois problemas: a ignorância geográfica, pois para Colombo não havia ali um novo continente, mas sim um prolongamento da Ásia, e a dificuldade de comunicação. Esta, tão grande, que Colombo chegou a especular que os indígenas não sabiam falar por não os compreender. Ele diz:

Eu, Comprazendo a nosso senhor, levarei daqui, por ocasião da minha partida, seis deles para vossas majestades, para que aprendam a falar.²

O primeiro problema seria encerrado por Américo Vespuccio, que denominaria aquelas terras como um novo continente, apesar de este problema seguir no imaginário popular como um problema real³.

O segundo seria uma constante, pois para cada área nova os espanhóis precisariam de novos tradutores, e de uma versatilidade incrível para aprender novas línguas. Isso tornaria figuras como *La Malinche*⁴ e *Felipillo*⁵ extremamente importantes, respectivamente, nas conquistas dos astecas e dos incas. Eles traduziam para os espanhóis toda a linguagem indígena e, a partir daquela linguagem, os espanhóis podiam se aproximar do funcionamento daquele universo, mobilizando a conquista e possibilitando alianças ou inimidades⁶. A comunicação com aquele novo mundo foi o principal fator para a conquista dos astecas e incas. Isto porque as elites re-

gionais daqueles Estados falavam suas próprias línguas, no caso dos astecas, o náhuatl, e no caso dos incas o quéchuá. Quando os espanhóis decifram, através de tradutores aqueles idiomas, ganharam superioridade.

Após derrotarem e subjugarem incas, maias e astecas, os espanhóis sob a liderança de Diego Almagro seguiram, em 1536, para o Sul, por ouvirem rumores de que na direção dos territórios araucanos, no atual Chile, havia fantásticos tesouros, mas a expedição não teve o sucesso imaginado e retornou para Cuzco.⁷ Até aquele momento, os espanhóis tinham conquistado povos que constituíam Estados⁸ (maias, astecas e incas). Em tais Estados, havia uma cadeia de comando bem-definida, sendo possível distinguir as pessoas de status social mais elevado, havia uma hierarquia bem-definida, assentada em uma estrutura de governo previamente estabelecida. Quando Diego Almagro chega ao Chile, encontra estruturas completamente diversas das que havia encontrado antes.

Os mapuches⁹ não tinham o ouro e a prata tão cobiçados pelos espanhóis¹⁰, por isso, a conquista efetiva do Chile demorou tanto. Na Amazônia, que pouco depois seria explorada por Gonzalo Pizarro e Francisco de Orelhana, os espanhóis também iriam encontrar adversidades semelhantes. As sociedades amazônicas desconheciam a ourivesaria, metalurgia e não constituíam Estados. Gonzalo atinge o País da Canela, que não era exatamente o que ele pensava (ele

² Trecho retirado de COLOMBO, Cristovão. *Diários da Descoberta da América*. L&PM. Porto Alegre. 1998, p.47.

³ Como pode ser percebido em HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. Brasiliense. São Paulo. 2000, p.136.

⁴ Foi o apelido dado a Doña Mariña, a intérprete de Hernán Cortés.

⁵ VALLA, J. Claude. *A civilização dos Incas*. Otto Pierre Editores. Rio de Janeiro, 1978, p.12.

⁶ TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América*. Martins Fontes. São Paulo. 2003, p. 144-145.

⁷ VALLA, J. Claude. *A civilização dos incas*. Otto Pierre Editores. Rio de Janeiro. 1978. p.272, 273, 276, 277.

⁸ Era muito mais fácil para os espanhóis decifrarem sociedades parecidas com as suas do que, obviamente, sociedades distintas. Mesmo na conquista dos maias, quando lidavam com cidades-estados independentes, houve uma resistência mais ferrenha, eles sabiam exatamente onde atacar, pois havia um poder estabelecido e bem definido, como é identificado no trecho a seguir: *Las guerras de la conquista fueron sumamente destructoras. La opulenta ciudad de México o Tenochtitlán fue arrasada por los vencedores. La capital de los Quichés de Guatemala, llamada Utatlán o Gumarcaah, pereció entre las llamas junto con sus reyes, y sus habitantes fueron reducidos a la esclavitud* (prefácio de Adrián Recinos em: *Popol Vuh*. Fondo de Cultura Económica. Ciudad del México, 1960, p.7.

A significação de Estado segue a definição número 3 contida em JAPIASSÚ, Hilton ; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 2006, p.94.

⁹ Sinônimo de araucano.

¹⁰ No livro *Descobrimento i conquista de Chile*, o autor compara as terras chilenas encontradas por Almagro, segundo ele: *No habia grandes poblaciones como las del Perú, sino miserables villorrios de a diez casas. Los habitantes de mas adentro eran mui pobres; Vivian em cuevas, andaban vestidos de pellejos de animales, i se alimentaban, no de maíz, sino de raices, yerbas i granos silvestres. En toda la tierra de adelante no se hallaba una punta de oro*. (AMUNATÉGUI, Miguel Luis. *Descobrimento i conquista de Chile*. Imprenta, Litografía i encuadernación Barcelona. Santiago de Chile. 1913, p.137).

só encontrara poucas árvores de canela). A expedição fracassara e não havia mais comida para as tropas. Gonzalo decidiu mandar o Capitão Francisco de Orellana, descer o rio em busca de mantimentos, para depois retornar¹¹. Orellana seguiu o curso do rio em busca de mantimentos, e não os encontrando decidiu prosseguir viagem a despeito das ordens de Pizarro. O provável objetivo do capitão era descobrir o lago do *El Dorado*.

A sequência desse trabalho faz um recorte nas crônicas de Carvajal, cronista da expedição de Orellana. Deve-se ressaltar que o olhar espanhol sobre os indígenas não era exatamente inventivo ou errôneo. Na realidade, os conquistadores observavam nos índios apenas o que queriam ver, e o que para eles era digno de ser escrito. Alteravam a significação daquilo que viam conforme associavam com o seu universo imaginário. A própria significação das crônicas de Carvajal não pode receber crédito como sendo de puras ideias que este tinha do ambiente amazônico. Quando Carvajal passou aquelas informações para o papel, algo se perdeu, e algumas coisas podem ser interpretadas de mais de uma maneira.

Após passarem necessidades por encontrarem um caminho completamente despojado, os espanhóis reconstruíram seus barcos em uma aldeia e chegaram à terra dos aparia, deste povo, Carvajal escreve:

O capitão conclamou os índios e disse que não temessem e desembarcassem. Eles concordaram e aproximando-se mostraram em seus semblantes que se alegraram com nossa chegada. Seu senhor desembarcou, e com ele, muitos dos principais servos que o acompanhavam. Pediu licença ao capitão para sentar-se e sentouse, todos os outros permaneceram de pé; mandou que retirassem grande quantidade de comida das canoas, tanto tartarugas, como

peixe-boi e outros peixes, perdizes, gatos e macacos assados.¹²

Após a chegada do senhor dos aparia, seus *principais servos* desembarcam logo atrás dele. Este *senhor* pede a licença a Orellana, se senta, mas os demais *permaneceram de pé*. Daí pode-se observar uma evidência de que para Carvajal aquele senhor era hierarquicamente superior aos demais dentro daquela sociedade. Também é notado ao final o apreço dos castelhanos à grande quantidade de alimentos que eles carregavam em suas canoas, a estrutura hierarquizada imaginada pelos espanhóis aliada à fartura de alimentos pode indicar que futuramente, talvez, possam os espanhóis achar ouro e prata. Isso se for levado em conta que anteriormente os espanhóis passavam fome, e nesse momento da viagem tem comida em abundância.

Outro fragmento das crônicas indica a riqueza daquelas terras, quando se fala que *Os senhores eram vinte e seis*. Ora, quanto maior o número de senhores submetidos a outro, mais poderoso seria tal senhorio. Neste trecho há um problema, pois Carvajal não identifica se tais senhores são os *principais servos* que acompanham o cacique, ou se seriam outros principais espalhados pelo resto das terras aparia.

Ao que tudo indica, a situação estava melhorando, e logo os espanhóis iriam encontrar terras mais ricas. Chegam a terra dos machiparo, em meio a um combate, um alferes consegue entrar na aldeia destes índios. Seus relatos são escritos por Carvajal:

Contou-lhe tudo o que havia visto, e como havia grande quantidade de alimentos, como tartarugas que estavam nos pátios e nos tanques, como muita carne, peixe e biscoito, tudo em abundância, tanto que daria para sustentar um batalhão de mil homens durante um ano.¹³

¹¹ CARVAJAL, Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana*. SCRITTA EDITORIAL. São Paulo, 1992, p.23.

¹² CARVAJAL, Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana*. Scritta Editorial. São Paulo, 1992, p.47.

¹³ CARVAJAL, Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana*. Scritta Editorial. São Paulo, 1992, p.57.

Note que ele descreve que os alimentos não só eram encontrados em abundância, como *daria para sustentar um batalhão de mil homens durante um ano*. A situação dos espanhóis é então um crescente de prosperidade. De início passavam fome, depois encontraram uma tribo submetida a um senhor principal que fornece aos espanhóis *grande quantidade de alimento*, após isso encontram os machiparo, que têm alimentos o suficiente em uma de suas aldeias para sustentar um batalhão de mil espanhóis durante um ano.

Em outras terras, não mais a dos machiparo, a imaginação dos espanhóis flui, como descreve Carvajal:

Navegamos pela região de Omágua mais de cem léguas, finalmente chegamos a outra região chamada Paguana, também muito habitada mais amigável, porque no início de suas terras há uma aldeia de duas léguas de extensão, onde os índios nos esperam em suas casas, sem que fizessem nenhum mal, ao contrário, nos davam o que tinham. Desta aldeia partiam muitos caminhos para o interior, pois o chefe não reside nas Margens do rio. Os índios nos disseram que deveríamos ir até onde estava pois se alegraria muito conosco. O chefe destas terras tem muitas ovelhas, como as do Peru, e é muito rico em prata.¹⁴

Trata-se de um novo Peru. O fato de que aquele senhor residia no interior, deixava brechas para o imaginário espanhol fluir, afinal, se o chefe morava terra adentro, e era senhor daquele povoado enorme à beira do rio, imagine que riquezas deviam se esconder na terra firme. A descrição de Carvajal simplesmente traduz o desejo dos espanhóis de encontrar um novo Peru, em terras incógnitas.

Depois de muitas referências à antiguidade grega, e ao mito das amazonas, mencionada regularmente em notícias esparsas dadas pelos índios, a expedição finalmente chegou a uma localidade, definida como *domínio das amazonas*. Referindo-se a um combate entre índios e espanhóis, Carvajal diz:

Quero que saibam a razão porque os índios lutavam dessa maneira. Acontece que eles são súditos e tributários das amazonas e sabendo de nossa vinda, pediram socorro a elas, que mandaram dez ou doze, pois nós a vimos.¹⁵

A imaginação espanhola, então, supera a especulação e passa para o real, Carvajal afirma: *nós a vimos*. Ora, se eles as viram, elas existem, são reais. O mais curioso é como são descritas por Carvajal:

Estas mulheres são muito brancas e altas e tem longos cabelos trançados e enrolados na cabeça, são musculosas e andam nuas em pelo, cobrindo sua vergonha com arcos e as flechas nas mãos e lutando como dez índios.¹⁶

Existiam amazonas brancas em terras americanas? Ora, esse problema pode ser solucionado se olharmos para outro cronista, o Jesuíta João Daniel. Ele descreve que *há algumas nações tão brancas, como os brancos, mas no comum não são como os europeus*.¹⁷ Este Jesuíta que viveu dois séculos após a expedição de Orellana expõe que o fato de as amazonas serem relatadas como brancas não se deve a um fator racial, mas apenas a coloração da pele. Assim, tais *amazonas* podiam ser brancas, mas não necessariamente caucasianas.

Quanto à definição de que eram realmente amazonas (aquelas da mitologia grega) isto se deve a um aspecto cultural. Segundo Antô-

¹⁴ CARVAJAL, Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana*. Scritta Editorial. São Paulo. 1992, p. 67.

¹⁵ CARVAJAL, Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana*. Scritta Editorial. São Paulo. 1992, p.79.

¹⁶ CARVAJAL, Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana*. Scritta Editorial. São Paulo. 1992, p. 79 e 81.

¹⁷ DANIEL, João. *Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas volume 1*. Contraponto. Rio de Janeiro. 2004, p.264.

nio Porro, o território onde se deu o encontro, situa-se entre o baixo curso do Rio Nhamundá e o Rio Tapajós.¹⁸ Coincidentemente foi no Tapajós, entre um povo homônimo ao rio, que o Padre João Felipe Bettendorff percebeu uma mulher de maior prestígio social.

Era Maria Moacara princesa, desde seus antepassados, de todos os tapajós, e chamava-se Moacara quer dizer fidalga grande, porque costumam os índios além de seus principais escolher uma mulher de maior nobreza, a qual consultam em tudo como num oráculo, seguindo-o no seu parecer.¹⁹

A definição aí dada é de uma mulher com poder político. Para a cultura europeia era raro para uma mulher alcançar tal posição. O papel feminino era periférico e destituído de qualquer poder político, excetuando alguns casos (como o de Elisabeth I, da Inglaterra). Uma mulher comandando um Exército era então algo impensável. Quando a expedição de Orelhana viu tais mulheres, associou quase imediatamente às amazonas. Trata-se então de uma projeção do imaginário cultural europeu. A única explicação que tinham para aquelas guerreiras estava na antiguidade grega: aquelas eram as tais amazonas.

Mais à frente, os espanhóis encontram um índio que se chamava *Couynco*. A partir de um diálogo com Orelhana, este índio revelou que existiam amazonas vivendo em casas de pedra no interior, em numerosas aldeias, interligadas por estradas protegidas. Elas mantinham relações sexuais com seus prisioneiros de guerra que eram libertados se lhes engravidassem, e mortos se não as fecundassem. Se os filhos fossem homens, ou as guerreiras os matavam ou

enviavam aos pais, e se nasciam mulheres as criavam. *Couynco* nomeia a rainha daquelas mulheres como *Conhori*.²⁰ O que não passa despercebido por Antônio Porro que vê semelhanças entre a denominação dada à Rainha *Conhori* e aos índios condoris, que habitavam aqueles arredores.²¹

A EXPEDIÇÃO DE PEDRO TEIXEIRA E O PRAGMATISMO LUSITANO

Portugal realizou sua reconquista antes dos castelhanos, conhecendo uma invejável estabilidade territorial desde o século XIII. Entretanto, o poder real só foi consolidado com Dom João II, após um processo longo de conflitos entre o rei e a nobreza senhoria²². Apesar disso, o monarca lusitano era invejavelmente poderoso se comparado com os demais reis europeus naquela época, isto permitiu que o poder real incentivasse a atividade naval lusitana.

Há muito Portugal mantinha intensa atividade pesqueira em sua costa, com objetivo de compensar a baixa produtividade agrícola. Diferente de outras nações da Europa, os lusitanos mantinham suas atividades pesqueiras bem de frente para o Atlântico, tendo que desenvolver novas técnicas de navegação. Incentivados pelo poder real, os lusitanos descobriram as canárias no prematuro ano de 1336, depois chegam à Ilha da Madeira em 1419 e aos Açores em 1427.²³

A guerra lusitana contra o Islã se prolongou no Norte da África com a tomada de Ceuta, mas os muçulmanos isolaram aquela praça comercial, tornando muito custosa a manutenção daquela cidade²⁴. É neste cenário que se inicia a expansão marítima, em direção ao Sul²⁵ cujo ápice foi a viagem de Vasco da Gama, que inaugurou a Carreira das Índias.

¹⁸ PORRO, Antônio. "História indígena do alto e médio Amazonas – séculos XVI a XVIII". In: Manuela Carneiro da Cunha. (Org.). *História dos índios no Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo. 1992, p. 188 e 189.

¹⁹ BETTENDORFF, João Felipe. *Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Ética. Imperatriz. 2008, p.145.

²⁰ CARVAJAL, Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana*. Scritta Editorial. São Paulo. 1992, p.85 e 87.

²¹ PORRO, Antônio. "História indígena do alto e médio Amazonas – séculos XVI a XVIII". In: Manuela Carneiro da Cunha. (Org.). *História dos índios no Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo. 1992, p.188.

²² WHELING, Arno. *Formação do Brasil Colonial*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1999, p.36.

²³ SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Publicações Europa-América. Lisboa. 1979, p.132 e 134.

²⁴ WHELING, Arno. *Formação do Brasil Colonial*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1999, p.38 e 39.

²⁵ As Ilhas Atlânticas já haviam sido descobertas, excetuando Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.

Além da Carreira das Índias, a África revelou territórios comercialmente lucrativos, como a costa do ouro, que incluiria o que é, hoje, o litoral desde a Costa do Marfim até o Benin²⁶. O território africano incitava o imaginário lusitano com reinos maravilhosos como o do *Preste João*²⁷.

Em 1500, Pedro Álvares Cabral tomou posse da terra Santa Cruz (atual Brasil). Naquela época, o comércio com o Oriente estava no auge, Portugal pouco se interessou pelas novas terras ocidentais. O Governo lusitano estabeleceu feitorias pela atual costa brasileira, mas, devido às constantes ameaças vindas de outras nações europeias, tiveram de ocupar o território. Foi Martim Afonso de Souza o fundador da primeira vila do Brasil. A partir da fundação desta vila é que o território começou a ser povoado pelos lusitanos, muito embora haja relatos de degredados abandonados nestas terras desde a viagem de Cabral²⁸. Foram 30 anos que separaram a viagem de Cabral e a primeira vila fundada no Brasil. Só após a reabertura do comércio com as Índias²⁹, Portugal se viu obrigado a investir no Brasil.

A cobiça francesa de fundar uma colônia na América lusitana³⁰ foi também um contribuinte para o aumento de investimentos lusitanos naquelas terras. Os portugueses se adaptaram rapidamente à nova terra, adotando costumes indígenas que facilitavam a vida nos trópicos. Foi a aliança com os índios, em especial os de língua tupi, que permitiu a expansão na nova terra.³¹

O vínculo entre lusitanos e indígenas foi tão forte que as línguas francas faladas no Brasil naquela época eram o *nheengatu* e o *tupi*, idiomas indígenas. A colonização brasileira então se deu principalmente através de duas ferramentas: a conversão dos indígenas e a aliança com os falantes do *tupi*³². Esta última ferramenta sendo fundamental para a viagem de Pedro Teixeira e a posterior conquista das províncias do Grão-Pará e Rio Negro³³.

A partir da tomada do Forte de São Luís aos franceses³⁴, e da posterior fundação da cidade de Belém, em 1616³⁵, estrategicamente localizada na Foz do Amazonas, os lusitanos começaram a povoação da Amazônia em um nítido ambiente de disputas. Entre elas, a já citada disputa com os franceses, além da invasão holandesa, que moveu a luta portuguesa pela restauração, visto que desde 1581³⁶ Portugal encontrava-se sob tutela castelhana pelo advento da União Ibérica.

A disputa franco-lusitana concedeu aos portugueses o domínio do Maranhão, mas, a partir das invasões dos holandeses, que tentaram a ocupação da Bahia, e efetivamente ocuparam Pernambuco, anexando boa parte do nordeste canavieiro, a situação ficou mais preocupante.

A expedição de Pedro Teixeira se deu em momento mais preocupante ainda, pois, era o auge da Restauração Pernambucana e às vésperas da Restauração Portuguesa. O motivo da expedição de Pedro Teixeira, em primeira estância, era o de conhecer o

²⁶ PRIORE, Mary Del ; PINTO, Renato Venâncio. *Ancestrais – Uma introdução à História da África Atlântica*. Campus Elvieser. Rio de Janeiro. 2004, p.115.

²⁷ SALES, Mariana. "O lendário reino do Preste João" In: *História Viva*. nº14, p. 39 a 43.

²⁸ *Sobre isso acordaram que não era necessário levar a força homens, porque era geral costume dos que assim eram levados à força para alguma parte dizerem que ali há de tudo quanto lhe perguntam; e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens dentre os degredados que aqui fossem deixados, do que eles dariam se os levassem, por ser gente que ninguém entende.* Ver em CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil*. L&PM. Porto Alegre. 2008, p. 100.

²⁹ Ver SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Publicações Europa-América. Lisboa. 1979, p. 187.

³⁰ França antártica no Rio de Janeiro e França equinocial no Maranhão.

³¹ Ver HOLLANDA, *Raízes do Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo. 1995, p.105.

³² É controverso se o *tupi* era um único idioma falado por toda a costa, ou se eram vários dialetos aparentados. Sérgio Buarque defende que era uma só língua (Ver HOLLANDA, *Raízes do Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo. 1995, p.105), enquanto o linguista Greg Urban, por exemplo, defende a ideia de um tronco linguístico, com suas ramificações (Ver em URBAN, Greg. "A História da cultura brasileira segundo as línguas nativas" In: Manuela Carneiro da Cunha. (Org.). *História dos índios no Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo. 1992, p. 91-93.

³³ Respectivamente os Estados atuais do Pará e Amazonas.

³⁴ WHELING, Arno. *Formação do Brasil Colonial*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1999, p.111 e 112.

³⁵ WHELING, Arno. *Formação do Brasil Colonial*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1999, p.135.

³⁶ SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Publicações Europa-América. Lisboa. 1979, p.195.

território. O contingente foi recrutado pelo governador do Pará, e levando em conta que a expedição chegou a Quito, no Peru, deve-se cogitar a hipótese de que o principal motivo de tal empreendimento era descobrir o caminho de Belém ao Peru e registrá-lo para futuras viagens. A descoberta deste caminho era uma ameaça ao domínio castelhano no Peru, pois, agora, conhecedores da rota fluvial, os portugueses poderiam navegar até Quito, ameaçando a soberania comercial castelhana.

As razões do empreendimento desta expedição permanecem escusas, mas a polêmica causada pela expedição lusitana por pouco não exigiu uma reação mais enérgica dos castelhanos, que se apressaram para dispensar aqueles forasteiros de Quito, usando de justificativa o perigo holandês que tanto ameaçava o território brasileiro³⁷.

A viagem de Pedro Teixeira também deixou um grande acervo de informações para as demais expedições que passariam por aquelas paragens, como dados geográficos, populacionais e ambientais. É provavelmente contemporânea a essa expedição a aliança forjada entre os lusitanos e os tupinambá da Ilha de Tupinambarana. Essa aliança impulsionaria uma expansão lusitana na região amazônica, delineando o atual território brasileiro.

Na viagem de retorno para o Pará, é enviado com os lusitanos um padre jesuíta chamado Cristobal de Acuña. Cristobal deixará então suas impressões da viagem no documento intitulado *Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas* em que descreveu as populações da região, nativas ou não. Entre as partes mais importantes escritas por Acuña, está a existência de um *Coronel Bento Rodrigues de Oliveira, natural do Brasil e pessoa que, tendo sido criada e vivido sempre entre os nativos, conhecia-lhes o pensamento*³⁸.

Bento Rodrigues também se adiantava à expedição, como que abrindo caminho para os demais da expedição. A vantagem de um *natural do Brasil* neste contexto é óbvia visto que na maior parte das povoações a língua falada era o nheengatu. Bento Rodrigues era provavelmente um falador do nheengatu, e sua facilidade com esse idioma o tornava um batedor ideal. Além disso, a expedição era de uma grandeza jamais vista:

... com quarenta e sete canoas de bom tamanho (embarcações estas que se fará menção mais adiante) e nelas levando setenta soldados portugueses, mil e duzentos índios remadores e guerreiros, que com as mulheres e os moços de serviço, passariam de duas mil pessoas.³⁹

Sobre as populações nativas, os relatos são preciosos, nunca deixam de descrever como vivem as populações de maior relevância. O jesuíta se refere aos omágua como povos de *melhor governo que há em todo o rio*, além disso, *andavam todos decentemente vestidos*⁴⁰. Ainda sobre os omágua, Acuña lhes atribui características comerciais dizendo que:

deles se compravam panos tecidos e bordados, os quais ofereciam com boa vontade ; e quando se tratava de venda de canoas, que são como cavalos velozes em que andam, logo se punham de acordo

Na mesma página ele se refere a uma casta de escravos que *capturam em suas batalhas*, estes escravos seriam tão importantes para os omáguas que *sugerir-lhes que os vendam é coisa a que resistem muito*⁴¹. As notícias do jesuíta não podem ser confirma-

³⁷ Acuña escreve que o *Capitão-Mor Pedro Teixeira e toda sua ente deveriam voltar em seguida, pelo mesmo caminho, até a cidade do Pará, devendo-lhe ser-lhes fornecido todo necessário a essa viagem, dada a falta que sem dúvida fariam tão bons capitães e soldados naquelas fronteiras, de ordinário tão infestadas pelo inimigo holandês* (ACUÑA, Cristobal de. *Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas*. AGIR. Rio de Janeiro. 1994, p.63.

³⁸ ACUÑA, Cristobal de. *Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas*. AGIR. Rio de Janeiro. 1994, p.60 e 61.

³⁹ ACUÑA, Cristobal de. *Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas*. AGIR. Rio de Janeiro. 1994, p.59.

⁴⁰ ACUÑA, Cristobal de. *Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas*. AGIR. Rio de Janeiro. 1994, p.117.

⁴¹ ACUÑA, Cristobal de. *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. AGIR. Rio de Janeiro. 1994, p.119.

das inteiramente, devido a uma epidemia de varíola que dizimou aquela população⁴².

Sobre os tapajós, Acuña escreveu que estes são *gente briosa e temida pelas muitas nações vizinhas*, motivo pelo qual outras etnias e mesmo os lusitanos temiam aqueles índios que usavam *em suas flechas um veneno que as faz, tirando o sangue, tirar sem remédio também a vida*⁴³. Nos documentos do jesuíta também é retratado um conflito entre os tapajós e os portugueses. Vencedores os lusitanos escravizaram muitos daqueles indígenas⁴⁴.

Os tupinambás de Tupinambarana, povo de grande importância para a expansão lusitana, não deixaram de ser relatados por Acuña. O jesuíta qualificou-os como *gente de grande bravura na guerra*. Acuña também percebeu que como os portugueses eram faladores da *língua geral do Brasil, a mesma que quase todos os demais nativos das conquistas do Maranhão e Pará*⁴⁵.

Outras populações retratadas por Acuña são os índios nativos do Rio Negro. O jesuíta comenta que quando se aproximaram deste rio, os portugueses quiseram entrar em seu curso para comerciar com os nativos *acerca dos muitos escravos que possuíam os nativos no interior deste rio*. O relato é verídico como podemos perceber a partir das crônicas de João Daniel:

O arraial era ordinariamente no Rio Negro, porque nele mais que nos outros havia estas bárbaras nações que comiam umas às outras: mas daqui discorriam pelo Amazonas, e mais rios, e quantos achavam conduziam ao arraial para serem examinados. [...] Do referido arraial saíam os brancos a contratar com os régulos daquelas nações bem escoltados [...] e a troco

de um, ou dous [dois] machados, algumas facas, bolórios, e semelhantes cousas lhes entregavam aqueles tapuias encurralados⁴⁶

Em uma análise crítica, podemos observar que os relatos contidos nos escritos de Acuña são bastante lúcidos. Em todos os casos, excetuando o dos omáguas e tapajós⁴⁷ podemos confirmar a veracidade dos fatos graças a documentações ou eventos históricos posteriores. Mesmo entre omáguas e tapajós, cuja veracidade dos fatos não podem ser confirmadas devido à posteriores crises sofridas nestas sociedades, suas existências não podem ser questionadas, e nenhum relato mencionado por Acuña em seus documentos parece absurdo, exceto um. Segundo o jesuíta, após passarem pelo território omáguas, *permaneceram sob frio tão forte* que mesmo os *nascidos e criados nas zonas mais frias da Espanha* teriam que se agasalhar⁴⁸. Acuña atribui o frio a uma serra, ao Sul, onde nevava, e se podia plantar trigo. Esse relato é no mínimo bizarro, dado que a expedição estava no meio de uma floresta tropical. Uma possibilidade para esta questionável informação dada está no temor que tinham portugueses e espanhóis de uma invasão holandesa. Uma área para plantar trigo seria um incentivo para a colonização da região, e afastaria o perigo holandês.

De forma geral, as questões abordadas por Acuña se remetem ao contexto político vivido pela região amazônica. Os indígenas eram sempre analisados como possíveis aliados, ou possíveis inimigos, o objetivo claro de Acuña em sua expedição era de descrever os grupos humanos daquele território. Apesar de pouco mencionados, os holandeses são retratados como uma ameaça,

⁴² Com base nas informações contidas em PORRO, Antônio. *O povo das águas – ensaios de etno-história amazônica*. Vozes. Rio de Janeiro. 1995, p.79 e 80.

⁴³ ACUÑA, Cristobal de. *Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas*. AGIR. Rio de Janeiro. 1994, p.157.

⁴⁴ ACUÑA, Cristobal de. *Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas*. AGIR. Rio de Janeiro. 1994, p.158-160.

⁴⁵ ACUÑA, Cristobal de. *Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas*. AGIR. Rio de Janeiro. 1994, p.148.

⁴⁶ DANIEL, João. *Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas volume 1*. Contraponto. Rio de Janeiro. 2004.

⁴⁷ No caso dos tapajós, o conflito latente com os portugueses também desestruturou suas sociedades, no entanto em livros como o DANIEL, João. *Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas volume 1*. Contraponto. Rio de Janeiro. 2004 e em BETTENDORFF, João Felipe. *Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Ética. Imperatriz. 2008, pode-se observar a permanência de ritos funerários entre os indígenas.

⁴⁸ ACUÑA, Cristobal de. *Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas*. AGIR. Rio de Janeiro. 1994, p.121.

tanto no vale amazônico⁴⁹, quanto na recém-invasa região das Guianas⁵⁰.

Às vésperas da restauração portuguesa, que ocorreria em 1641, os lusitanos e luso-brasileiros não eram vistos como inimigos pelos espanhóis, apesar dos castelhanos manterem uma sensação de latente desconfiança.

DA EXPERIÊNCIA LUSITANA E ESPANHOLA

Para os portugueses a experiência era *madre de todas as coisas*⁵¹, ou seja, à medida que avançavam em suas navegações, iam descobrindo que muito do que pensavam não ser real o era. Isto se deve a uma prematura e difusa expansão marítima lusitana, iniciada com as descobertas atlânticas e a conquista de Ceuta.

O caso espanhol é mais problemático, por Castela e Aragão terem iniciado tardiamente sua expansão marítima em relação aos lusitanos, e de maneira localizada, (exclusivamente nas Américas). Com isso a experiência espanhola ficou bastante limitada. O próprio contexto em que se deu a descoberta das Américas, no mesmo ano da queda de Granada, aflorou entre os espanhóis um forte sentimento de estranheza e intolerância em relação ao outro, e esse sentimento se manifestou posteriormente nas Américas.

Os lusitanos tinham como objetivo a evangelização do gentio, mas a expansão comercial também tinha forte importância na política lusitana. Grandes exemplos disso foram a tomada de Ceuta (importante praça comercial muçulmana) e a chegada de Vasco da Gama às Índias. Desta maneira, o Império ultramarino lusitano, pragmático,

seguiu focado no comércio e na evangelização.⁵² Os espanhóis em contraposto, belicosos e expansionistas da fé, enveredavam-se por um imaginário que se remetia às fantasias medievais, e que procurava explicar as coisas através da teologia, ou se remetendo aos mitos da antiguidade clássica, gregos e romanos. O Reino de Granada é destruído, e, de igual maneira, os deuses indígenas são enxergados como demônios. Na própria Espanha, a inquisição tortura e mata centenas de judeus, ciganos e muçulmanos.

Remetendo-nos à carta de Pero Vaz de Caminha e comparando-a com os diários de navegação de Colombo, percebe-se claramente que Caminha procurou fazer referência ao que viu enquanto Colombo está sempre se antecipando, criando alegorias e mitos em suas narrativas.⁵³ Caminha, mesmo no momento em que pensa que os índios falavam de ouro ou prata, jamais escreve nada que afirme aquilo, ele apenas especula que pode haver ouro e prata.⁵⁴ A carta de Caminha, e o diário de viagem de Colombo, os primeiros documentos escritos na América portuguesa e na América espanhola⁵⁵ revelam as diferenças de pensamento entre estes dois povos. Os lusitanos seriam mais cautelosos e pragmáticos, enquanto os espanhóis mais aventureiros e fantasiosos.

Enquanto na América portuguesa o padre Antônio Vieira era falador de línguas indígenas, recorria a práticas pouco comuns para a evangelização dos índios, como autos teatrais,⁵⁶ e comparava os naturais da terra com a murta⁵⁷, o espanhol Bartolomé de Las Casas desconhecia línguas indígenas e comparava os índios com uma folha de papel em branco⁵⁸. Apesar da comparação feita entre Las Casas e Vieira, deve-se levar em

⁴⁹ ACUÑA, Cristobal de. *Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas*. AGIR. Rio de Janeiro. 1994, p.121.

⁵⁰ ACUÑA, Cristobal de. *Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas*. AGIR. Rio de Janeiro. 1994, p.135 e 136.

⁵¹ Comentado por Sérgio Buarque de Hollanda em vários trechos de HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. Brasiliense. São Paulo. 2000.

⁵² SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Publicações Europa-América. Lisboa. 1979, p.132.

⁵³ Ambos são mencionados em HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. Brasiliense. São Paulo. 2000(sendo as sereias mencionadas na página 251 e a Ilha de Cipango esparsamente mencionada pelo livro todo). Cipango também é mencionada por diversas vezes em COLOMBO, Cristovão. *Diários da descoberta da América*. L&PM. 1998.

⁵⁴ CASTRO, Sílvio. *A Carta de Pero Vaz de Caminha – O Descobrimto do Brasil*. L&PM. 2008, p.93.

⁵⁵ Documentos europeus, pois os maias já haviam desenvolvido uma escrita própria.

⁵⁶ Observação possível graças a repetidas aulas do Professor Ricardo Mariella.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Versão sobre a natureza indígena proposta pelo dominicano. Ver em HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. Brasiliense. São Paulo. 2000, p.373.

consideração que Vieira pertencia a uma ordem disposta a explorar os territórios de fronteira em busca de uma evangelização⁵⁹, em contraposto Las Casas pertencia a uma ordem muito mais urbana conservadora, se comparada com a Companhia de Jesus⁶⁰.

Embora a diferença entre as ordens acentue a diferença entre os povos, havia também dominicanos entre os lusitanos, como também havia jesuítas do lado espanhol, mas por a ordem de Santo Inácio de Loyola ter se estabelecido desde o princípio nas colônias portuguesas sempre teve mais influência nestas do que nas colônias espanholas. Os jesuítas só começaram a ter maior influência na vida colonial espanhola em fins do século XVI e princípio do XVII, coincidentemente o mesmo período da expedição de Pedro Teixeira.

Na obra de Sérgio Buarque de Hollanda, dois livros são de extrema importância para se compreender os imaginários português e espanhol: *Visão do paraíso* e *Raízes do Brasil*.

Em *Visão do paraíso*, Sérgio Buarque analisa as mentalidades dos europeus descobridores das Américas através de seus relatos. Naquela concepção de mundo, aquele novo continente: a América, além das outras terras recém-descobertas, não era prevista. Imersos em uma mentalidade medieval, os exploradores daquele continente tentavam explicar aqueles povos, aquelas terras, e, obviamente, aquele continente como um todo.

O livro de Sérgio Buarque lida com as explicações teológicas, mitológicas e algumas vezes um misto entre estas. Recorrem-se às escrituras sagradas para explicar as populações, fauna, flora e paisagens das Américas. Em outros momentos os europeus se remetem a explicações anteriores à bíblia, valendo-se de antigas tradições mitológicas da Europa, das tradições gregas, romanas e nórdicas. Apesar de identificar isto, mesmo neste livro, Sérgio Buarque reconhece que

os lusitanos tinham um papel mais pragmático e investigativo que os demais europeus que tentaram colonizar as Américas⁶¹.

Em *Raízes do Brasil*, especificamente no capítulo intitulado *O ladrilhador e o Semeador*, Sérgio Buarque resalta as diferenças entre os lusitanos e castelhanos. Entre estas diferenças, pode-se notar que enquanto os espanhóis encontraram sociedades urbanas, ouro e estruturas complexamente hierarquizadas, os portugueses encontraram sociedades mais simples. O autor considera que enquanto os espanhóis puderam aproveitar as estruturas deixadas pelas sociedades nativas, muito mais similares às suas, os lusitanos não tiveram a mesma sorte, tendo que criar novas estruturas. No entanto, no mesmo capítulo pode-se dizer que há uma contradição, já que Sérgio Buarque admite que os lusitanos residentes no Brasil tiveram como língua materna o tupi, e que os portugueses só se expandiam em áreas de expansão dos povos falantes do tupi. Ora, se os lusitanos se expandiam em áreas tupis se utilizando do idioma tupi, de alguma forma eles se utilizaram das antigas estruturas locais para criar suas novas estruturas.

É possível que quando Sérgio Buarque de Hollanda comentou sobre as estruturas estabelecidas na América espanhola, e não estabelecidas na América portuguesa, ele estivesse se remetendo às estruturas sociais complexas em que se assentavam estas sociedades, que concentravam alta densidade populacional e um alto grau de hierarquização. Maias, incas e astecas possuíam tais estruturas⁶², enquanto no Brasil nenhuma sociedade nativa possuía estruturas sociais com tais magnitudes. Para os espanhóis coube apenas remodelar aqueles Estados nativos de acordo com seus interesses. Enquanto, os portugueses se confrontavam com sociedades diametralmente diversas deles mesmos.

⁵⁹ Ver em HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. Brasiliense. São Paulo. 2000, p.277.

⁶⁰ BOXER, Charles R. *A Igreja militante e a expansão ibérica 1440-1770*. Companhia das Letras. 2007, p.146-148.

⁶¹ Ver em HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. Brasiliense. São Paulo. 2000, p.11.

⁶² Aqui não se trata de evolucionismo, mas de estruturas sociais mais complexas de fato. As sociedades indígenas brasileiras não chegaram a constituir estruturas sociais tão complexas quanto as "altas culturas" da meso-américa, México e Andes. Nas sociedades indígenas brasileiras as culturas mais complexas foram os recém (re)descobertos cacicados amazônicos. Os cacicados seriam sistemas de chefia centralizada exercidas por um chefe supremo, mas ao contrário de como ocorria em um Estado, não havia um exército permanente ou corpo administrativo (FAUSTO,2005). Neste caso, os Espanhóis de fato encontraram sociedades mais complexas.

O fato de terem tido de criar estruturas completamente novas naquelas terras não significa, portanto, como dito anteriormente, que os lusitanos simplesmente ignoraram as antigas instituições indígenas, muito pelo contrário, como pretendiam instituir novas práticas de governo, alheias às conhecidas pelos indígenas, assimilaram muitos hábitos nativos, possibilitado conquistas e alianças com as tribos da terra.⁶³ A conquista lusitana na América foi, portanto, extremamente pragmática. Tanto o colonizador civil, quanto o colonizador religioso, se adaptavam parcialmente aos costumes nativos para, assim, depois de inseridos naquela sociedade, cooptá-la.

Na América espanhola, o sistema foi diferente, pelo menos nas regiões mais importantes. No México e no Peru, foi efetuada a conquista para depois se modificar as estruturas, tanto Cortés quanto Pizarro nunca se adaptaram às sociedades nativas, o que houve foi uma conquista militar, e a construção de uma sociedade nova, cujos alicerces eram antigas estruturas estatais. No Caribe, houve uma situação ainda mais grave, pois as sociedades nativas foram sistematicamente extintas para a construção de uma nova ordem colonial.

Quando se pensa na expedição de Orellana e na obra de Sérgio Buarque, se relaciona facilmente os espanhóis conquistadores com o imaginário fantástico de *Visão do paraíso*, e com a descrição sobre os castelhanos em *Raízes do Brasil*. Apesar de tudo, esse imaginário se encaixa com a explicação dada neste trabalho, onde é dito que o cronista espanhol não mente, na realidade, ele especula da mesma forma que Colombo. Os espanhóis seriam então

sucessores da tradição colombiana, uma tradição interpretativa, que tentava decifrar sem ao menos ver o que ocorria. Os espanhóis não compreendiam as línguas nativas, mas, mesmo assim, imaginavam os caminhos terra adentro, especulando sobre terras fantásticas, onde residiam amazonas⁶⁴ e o Rei Paguana⁶⁵.

Também se pode perceber que os homens descritos por Acuña⁶⁶ são os mesmos descritos por Sérgio Buarque em *Caminhos e fronteiras*. Trata-se de um híbrido entre a tradição cristã europeia e as tradições indígenas americanas. Esse homem não é descrito na expedição de Orellana, mas é repetidas vezes lembrado nas conquistas do Brasil. Ele é como João Ramalho⁶⁷ e Jerônimo de Albuquerque⁶⁸.

O fato de espanhóis terem constituído seu Império sob os escombros de outros permitiu que as instituições importantes para o domínio daqueles territórios fossem mantidas. No Brasil, os lusitanos encontraram sociedades muito distintas e de frágeis estruturas hierárquicas.

Na realidade, os lusitanos não eram mais pragmáticos que os espanhóis. Tornaram-se graças à necessidade proporcionada pelo ambiente de conquista. Os próprios espanhóis posteriormente tiveram que o ser, em inúmeras situações, como na própria conquista do México. Enquanto os espanhóis conquistaram dois imensos Impérios (Asteca e Inca), os portugueses tiveram que conquistar uma infinidade de pequenas tribos sem estrutura hierárquica e que poderiam mudar de lado e se insubordinar, logo os portugueses não eram naturalmente mais pragmáticos, mas acabaram se fazendo mais pragmáticos devido às circunstâncias.

⁶³ Ver em HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. Companhia das Letras. São Paulo. 2000.

⁶⁴ CARVAJAL, Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana*. SCRITTA EDITORIAL. São Paulo, 1992, p.85 e 87.

⁶⁵ CARVAJAL, Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana*. SCRITTA EDITORIAL. São Paulo, 1992, p.67.

⁶⁶ Refiro-me ao mameluco Bento Rodrigues mencionado anteriormente.

⁶⁷ HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. Companhia das Letras. São Paulo. 1994, p.35.

⁶⁸ HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. Companhia das Letras. São Paulo. 1994, p.56.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACUÑA, Cristobal de. *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. Agir. Rio de Janeiro. 1994.
- AMUNATÉGUI, Miguel Luis. *Descobrimiento i conquista de Chile*. Imprenta, Litografia i encuadernación Barcelona. Santiago de Chile. 1913.
- BETTENDORFF, João Felipe. *Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Ética. Imperatriz. 2008.
- BOXER, Charles R., *A Igreja militante e a expansão ibérica 1440-1770*. Companhia das Letras. 2007.
- CARVAJAL, Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana*. Scritta Editorial. São Paulo. 1992.
- CASAS, Bartolomé de Las. *O Paraíso destruído*. L&PM. Porto Alegre. 2007.
- CASTRO, Silvio. *A Carta de Pero Vaz de Caminha – O Descobrimiento do Brasil*. L&PM. 2008.
- COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América*. L&PM. Porto Alegre. 1998.
- DANIEL, João. *Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas volume 1*. Contraponto. Rio de Janeiro. 2004.
- GOMES, Denise Maria Cavalcante. *Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção tapajônica*. FAPESP. São Paulo. 2002.
- HECKENBERGER, Michael J. ; KUIKURO, Afukaka; KUIKURO, Urissapa ' Tabata; RUSSEL, J. Christian; SCHMIDT, Morgan; FAUSTO, Carlos; FRANCHETO, Bruna. Amazonia 1492: Prstine Forest or Cultural Parkland? -Science Magazine vol.301.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. Brasiliense. São Paulo. 2000.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. Companhia das Letras. São Paulo. 1994.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo. 2004.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 2006.
- MARCILLY, Jean. *A civilização dos astecas*. Otto Pierre Editores. Rio de Janeiro, 1978.
- MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos flamengos*. Vozes. Rio de Janeiro, 2001.
- Popol Vuh. Fondo de Cultura Económica. Ciudad del México, 1960.
- PORRO, Antônio. *História indígena do alto e médio Amazonas – séculos XVI a XVIII*. In: Manuela Carneiro da Cunha. (Org.). *História dos índios no Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo. 1992.



PORRO, Antônio. *O povo das águas – ensaios de etno-história amazônica*. Vozes. Petrópolis. 1992.

PRIORE, Mary Del ; PINTO, Renato Venâncio. *Ancestrais – Uma introdução à História da África Atlântica*. Campus Elviesier. Rio de Janeiro. 2004.

SALES, Mariana. "O lendário Reino do Prestes João". In: *História Viva* nº14 p.39-43.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Publicações Europa-América. Lisboa. 1979.

TESTAS, Guy; TESTAS, Jean. *A Inquisição*. Difel. São Paulo. 1968.

TODOROV, Tzevan. *A conquista da América*. Martins Fontes. São Paulo. 2003.

URBAN, Greg. "A História da cultura brasileira segundo as línguas nativas". In: Manuela Carneiro da Cunha (Org.). *História dos índios no Brasil*. Companhia das letras. São Paulo. 1992.

VALLA, J. Claude. *A civilização dos incas*. Otto Pierre Editores. Rio de Janeiro, 1978.

WHELING, Arno. *Formação do Brasil Colonial*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1999.

